

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Clube da luta, uma crítica ao sistema capitalista [Fight club, a critique of the capitalist system]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-11 03:10:09
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160423

Clube da luta, uma crítica ao sistema capitalista

José Rogério Lopes debate filme do diretor David Fincher e examina o dilema sobre a emancipação e a redenção do sujeito

POR MÁRCIA JUNGES

Para o Prof. Dr. José Rogério Lopes, o filme *O clube da luta* (1999, direção de David Fincher) “pode ser compreendido como uma crítica ao sistema histórico do capitalismo e seus pilares econômicos e políticos, que produzem modelos imobilizadores da ação dos sujeitos. O filme mostra que toda transgressão concreta se forma e atua nos intervalos desses modelos”. Em sua opinião, *O clube da luta* propõe um dilema a respeito dos ideais de emancipação e redenção do sujeito: “propõe uma objetivação da crise de potencialidade de ação dos indivíduos contemporâneos, imersos em uma sociedade do consumo, e que têm seus propósitos de ação dispersos em um conjunto de identificações com objetos e ‘marcas’ que produzem uma distinção social superficial”. Essas ideias fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. A entrevista adianta aspectos que serão debatidos por Lopes após a exibição dessa produção nesta terça-feira, 31-08-2010. A atividade faz parte do Ciclo de Filmes e Debates - Subjetividade e Normalização: Discutindo políticas de identidade e saúde mental na sociedade contemporânea - Pré-evento ao **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Para maiores informações, visite <http://bit.ly/b6vZ1A>.

Graduado em Pedagogia pela Universidade de Taubaté (Unitau), é mestre e doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, com a tese *Violência, sexualidade e cidadania: conflitos interpessoais íntimos e a busca por autonomia na cultura contemporânea*. É pós-doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. É professor do PPG Em Ciências Sociais da Unisinos. É um dos organizadores da obra *Diversidade religiosa, imagens e identidades* (Porto Alegre: Armazém Digital, 2007) e autor de *Anthropsys - Relações teórico-práticas entre a Psicologia e a Antropologia* (Porto Alegre: Armazém Digital, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que o filme *Clube da luta* aponta sobre a saúde mental do indivíduo contemporâneo?

José Rogério Lopes - O filme aponta para várias possibilidades de leitura. Vou enfatizar duas. Primeiro, propõe uma objetivação da crise de potencialidade de ação dos indivíduos contemporâneos, imersos em uma sociedade do consumo, e que têm seus propósitos de ação dispersos em um conjunto de identificações com objetos e “marcas” que produzem uma distinção social superficial. Complementar a essa artificialidade, o sentido da vida do protagonista se esvazia e seus propósitos tornam-se lacônicos. Trata-se aqui da vida que o protagonista apresenta, no início do filme. Essas identificações, radicalmente objetivadas em

“marcas” e mercadorias, ressaltam a incompletude de sentido que acompanha a vida das mercadorias.

Se considerarmos que a identidade se define na ação, como afirma George Herbert Mead¹ (psicólogo social norte-americano da primeira metade do século XX), e constitui o *self* dos indivíduos como um centro de atividades, ou estrutura de atitudes, o filme expõe justamente uma *crise de identidade*, ou identificação, dos indivíduos contemporâneos. Isso é o que justifica a busca do protagonista do filme por uma potência de ação, transitando por grupos de autoajuda.

A segunda possibilidade emerge jus-

¹ Georg Herbert Mead (1863-1931): filósofo americano pertencente à Escola de Chicago. Juntamente com William James, Pierce e Dewey, Mead faz parte de uma corrente teórica da filosofia americana denominada de pragmatismo. (Nota da IHU On-Line)

tamente dessa busca e desse trânsito, expondo a orientação assumida na violência desencadeada pelo protagonista. De uma violência contra si, inicialmente (mesmo que projetada em um duplo imaginário, ou alter-ego), essa orientação se desloca gradualmente para o coletivo e a sociedade. Todavia, esse deslocamento se opera por um movimento contrário da potência de ação, que o protagonista encontra nos pequenos grupos, o que é uma característica da vida urbana e metropolitana, como já indicou Louis Wirth² (teórico da Escola de Chicago, também na primeira metade do século XX). O duplo imaginário criado pelo psiquismo embotado do protagonista mostra justamente que os projetos dos indivíduos

² Louis Wirth (1897-1952): sociólogo alemão, membro proeminente da Escola de Chicago. (Nota da IHU On-Line)

sempre se realizam como negociação da realidade, ideia levada ao extremo, no filme, uma vez que o protagonista está negociando consigo mesmo, na forma de um “outro imaginário”. O próprio Mead já mostrou como essa imaginação opera na infância, em seus estudos.

IHU On-Line - Que aspectos da subjetividade humana são evidenciados pela falta de ligação e identidade dos personagens de Clube da luta?

José Rogério Lopes - Aqui, proponho uma inversão de perspectivas. Defendo a posição de que não existe falta de ligação e identidade dos personagens. Existe, sim, uma crise do potencial dessas ligações e identificações, que se deslocaram e reduziram, nas últimas décadas, das interações interpessoais (dos agenciamentos dos humanos entre si, como afirmou Bruno Latour³) para as vinculações distintivas, mas artificiais, com o mundo das mercadorias, em uma leitura fetichizada dos agenciamentos operados entre humanos e não-humanos - também pensadas por Latour, mas como interações mais amplas, que constituem o que ele denominou de “coletividades sociotécnicas”, em seu livro *Nunca fomos modernos*. Tanto que os mesmos vínculos e identificações em crise no trânsito do protagonista pelos grupos de autoajuda, no início do filme, se afirmam depois, no Clube da Luta, como projeto de ação, mas despersonalizados. E esses vínculos são variados, de amizades a sexo-afetivos. Dessa forma, o roteiro do filme desencadeia fluxos e circuitos de interações entre os personagens que, à primeira vista, não amarram nexos ou sentidos e parecem não gerar sequências de análise. Tudo parece representar a ideologia da fragmentação do mundo social, como afirmam algumas teorias da pós-modernidade. No final do filme, entretanto, as vinculações e identificações entre os personagens se arranjam em possibilidades coletivas que explicitam a lógica de um modelo sistêmico de sociedade - a ideologia do grande sistema opressor -, que é catártico para a subjetividade do protagonista, mas somente para ele. Nesse sentido, o filme coloca um dilema sobre os ideais de emancipação, ou redenção, do sujeito (como elaborado por

Walter Benjamin⁴).

IHU On-Line - Em que medida a formação desse clube da luta é uma reação à normalização imposta à sociedade contemporânea?

José Rogério Lopes - Aqui, retomo de onde parei na resposta anterior. Essa reação realmente acontece, mas só para o protagonista. O recurso, promovido no filme, de apresentar o duplo imaginário (no filme, o ator Brad Pitt) como um segundo protagonista, em constante diálogo com o primeiro, encobre um conjunto de arranjos manipuladores que os atores operam contra os princípios estruturais dessa normalização, operado subliminarmente. Somente quando o curso de ação desse movimento antissistêmico está totalmente articulado e sem possibilidade de retorno é que o protagonista torna-se consciente do que fez. Essa articulação encoberta pelo inconsciente possibilita discutir o quanto a normalização operada sobre a vida social constitui uma epistemologia que condiciona nossa racionalidade. O protagonista, inclusive, vive uma permanente tensão entre o caráter normativo e o transgressor de suas ações. A forma como ele supera essa tensão é uma das sacadas do filme.

IHU On-Line - É o ritmo vertiginoso do filme uma metáfora para a aceleração crescente da nossa sociedade nos mais diferentes aspectos? Por quê?

José Rogério Lopes - Sim, com certeza. O filme enfatiza uma temporalidade acelerada pelas contingências sociais, em seu início, que se desdobra em acelerados fluxos de ação, contra uma concepção de estrutura social que aparenta ser prático-inerte, para falar pouco. Mas, para além de uma metáfora, penso que o filme explicita uma lógica constante dos “movimentos antissistêmicos” (como Immanuel Wallerstein⁵ define os potenciais

⁴ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Immanuel Maurice Wallerstein (1930): sociólogo estadunidense, mais conhecido pela sua contribuição fundadora para a teoria do sistema-mundo. (Nota da IHU On-Line)

políticos das forças de trabalho, no sistema histórico do capitalismo) que buscam romper a racionalização ocidental que sustenta uma “busca de verdade” - como ideologia cultural, técnico-científica - que se reproduz nos princípios de eficiência econômica e segurança política. Os diálogos do protagonista com seu duplo são exemplos dessa lógica e mostram que ela não se define, explicita ou se potencializa, sem o enfrentamento de tensões profundas do sujeito consigo mesmo, ou seja, com suas idealizações, identificações e projeções. Afinal, toda normalização social e individual se produz e reproduz não somente por imposição, mas, sobretudo, como definição epistemológica de uma posição, uma condição de mundo, que também se manifesta como crença ou fé em uma teleologia correspondente. No fim e ao cabo do projeto em desenvolvimento no filme - e quem o assiste só percebe ao final -, essa teleologia se manifesta como catarse. Nesse sentido, o enunciado final do protagonista é elucidativo. Após encerrado o ciclo acelerado dos fluxos inconstantes de sentido em que ele se envolve, em um vai-e-vem de errâncias pessoais, dirige-se à mulher que partilha seu transtorno, durante todo o enredo, e afirma: “Agora as coisas vão melhorar. Você me conheceu em um momento perturbado da minha vida.”

IHU On-Line - Que tipo de crítica ao capitalismo está implícita no filme?

José Rogério Lopes - Acima de tudo, uma crítica ao sistema histórico do capitalismo e seus pilares econômicos e políticos, que produzem modelos imobilizadores da ação dos sujeitos. O filme mostra que toda transgressão concreta se forma e atua nos intervalos desses modelos.

FICHA TÉCNICA

Titulo original: Fight Club
 Gênero: Drama
 Ano: 1999
 Duração: 139 min.
 Tipo: Longa-metragem / Colorido
 Diretor: David Fincher
 Elenco: Edward Norton (1), Brad Pitt, Helena Bonham Carter, Meat Loaf Aday¹, Zach Grenier, Richmond Arquette, David Andrews (1), George Maguire, Eugenie Bondurant, Christina Cabot, Sydney 'Big Dawg' Colston, Rachel Singer, Christie Cronenweth, Tim De Zarn, Ezra Buzzington

³ Bruno Latour (1947): filósofo francês. (Nota da IHU On-Line)